

HUMOR SURDO NA EDUCAÇÃO BI/PLURILÍNGUE: PROVOCANDO POSSIBILIDADES

DEAF HUMOR IN BI/MULTILINGUAL EDUCATION: PROVOKING POSSIBILITIES

Maria Kérsia da Silva Dourado

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3927530392741803>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1916-1686>

E-mail: maria.dourado@ufrn.br

Laralis Nunes de Sousa Oliveira

Doutora e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2224960605027975>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2591-9801>

E-mail: laralis.ufrn@gmail.com

Resumo: No presente artigo, é discutida a importância da incorporação do humor nas práticas pedagógicas da educação bi/plurilíngue de surdos brasileiros. O exercício de reflexão sobre esse tema surgiu das provocações feitas no componente curricular “Educação de Surdos: conceitos, políticas e práticas”, cursado pelas autoras em 2024. Metodologicamente, o propósito do texto é cumprido de modo alinhado, com textos teóricos de estudiosos sobre humor e riso, a concepção de educação bi/plurilíngue de surdos discutida na disciplina, e declarações feitas por surdos participantes da competição Humor SurDau, transmitida ao vivo pelo YouTube, no canal “Festival Despertacular” durante a pandemia de covid-19. A pesquisa conclui, a partir das reflexões realizadas, que a compreensão e a assunção do humor como prática pedagógica e cultural são capazes de favorecer a apropriação da Libras e a inserção dos alunos surdos na cultura surda, promovendo experiências educativas mais engajadas, expressivas e significativas.

Palavras-chave: Surdos. Educação bi/plurilíngue. Humor.

Abstract: This article discusses the importance of incorporating humor into the pedagogical practices of bi/multilingual education for Brazilian deaf students. The reflection on this topic emerged from discussions in the course “Deaf Education: concepts, policies, and practices,” taken by the authors in 2024. Methodologically, the purpose of the text is achieved by weaving together theoretical texts by scholars of humor and laughter with the concept of bi/multilingual deaf education discussed in the course with statements made by deaf participants in the Humor SurDau competition, which was livestreamed on the YouTube channel “Festival Despertacular” during the covid-19 pandemic. The reflections lead to the conclusion that understanding and embracing humor as a pedagogical and cultural practice can foster the acquisition of Libras and the inclusion of deaf students in deaf culture, promoting more engaged, expressive, and meaningful educational experiences.

Keywords: Deaf. Bi/plurilingual education. Humor.

Introdução

“Tudo autenticamente grande deve incorporar o elemento do riso” (Bakhtin, 2017, p. 25).

Nas últimas décadas, o Brasil avançou no reconhecimento dos direitos linguísticos da comunidade surda, com a consolidação de uma proposta de educação bilíngue que adota a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda. Ainda assim, práticas escolares continuam subordinando a Libras à função de instrumento pedagógico, relegando a língua de sinais e a cultura surda a papéis secundários no processo educativo.

Nesse contexto, é necessário ampliar o entendimento sobre o que constitui a experiência linguística e cultural do sujeito surdo na escola. Nesse processo, entre as diversas práticas discursivas que circulam na comunidade surda, o humor tem se mostrado uma expressão potente de linguagem e identidade. Suas manifestações, por meio de narrativas visuais e performances sinalizadas, mobilizam recursos da língua de sinais e promovem sentidos compartilhados que reforçam vínculos comunitários.

Neste artigo, temos por objetivo discutir como o humor surdo pode contribuir para a formação humana do sujeito surdo no contexto educacional, com especial enfoque na contribuição desse gênero de discurso para a inserção do aluno na(s) cultura(s) surda(s). Faremos isso costurando, por meio de relações dialógicas, as leituras e discussões realizadas no componente curricular “Educação de Surdos: conceitos, políticas e práticas”¹, declarações feitas por surdos participantes da competição *Humor SurDau*² (2020), transmitida ao vivo pelo YouTube, no canal “Festival Despertacular” durante a pandemia de covid-19. A proposta é refletir sobre o humor como prática pedagógica e cultural capaz de favorecer a apropriação da Libras e a inserção dos alunos na cultura surda, promovendo experiências educativas mais engajadas, expressivas e significativas.

Educação Bilíngue de Surdos no Brasil hoje: breves considerações

As últimas três décadas, no Brasil, são marcadas pela luta dos surdos brasileiros que buscam a consolidação de uma educação básica realizada naquilo que se convencionou nomear como “modalidade bilíngue”, isto é,

[...] oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (Brasil, 2021).

1 Componente curricular ofertado remotamente no segundo semestre de 2024 numa parceria entre Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade de São Carlos, conduzida pelas docentes Lara Ferreira Santos (UFSCar), Erica Esch Machado (INES), Ana Claudia Balieiro Lodi (USP), Lodenir Becker Karnopp (UFRGS), com a participação de ministrantes convidados como Cristina Broglia de Lacerda (UFSCar), Leonardo Peluso Crespi (Universidad de la República del Uruguay), Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCar) e Tatiana Bolívar Lebedeff (Universidade Federal de Pelotas - UFPel).

2 Durante o isolamento social causado pela pandemia de 2020, um exemplo de valorização do humor como prática cultural pela comunidade surda foi a competição *Humor SurDau*, transmitida ao vivo pelo YouTube, no canal “Festival Despertacular”. Organizada por Igor Rocha e Luana Marquezi, essa iniciativa teve como objetivo oferecer alívio à comunidade surda por meio de momentos de conexão linguística e cultural, mesmo diante do distanciamento imposto pela pandemia. Neste trabalho, serão analisadas algumas das falas dos semifinalistas, extraídas dos vídeos de apresentação pessoal, como parte da discussão proposta.

Nas poucas escolas bilíngues existentes em nosso país, e mesmo em escolas bilíngues de países que já contam com bastante tempo de implementação da educação bilíngue de surdos – a exemplo do Uruguai (Peluso, 2022) –, percebe-se que a língua de sinais, não raro, figura como língua instrumental para o ensino de conteúdos de todas as disciplinas – inclusive da língua oral, majoritária do país, na modalidade escrita –, mas não como objeto de estudo. Isso equivale a dizer que, no Brasil, a língua portuguesa tem a primazia nas reflexões sobre linguagem na escola de surdos e forja, com a cultura ouvinte, os currículos e as práticas educacionais das instituições, muito mais do que a Libras e a cultura surda.

Esse cenário revela, em suas entrelinhas, relações de poder que destinam à Libras o papel de mero instrumento ou ferramenta de ensino, quando, na realidade, ela se constitui como material de construção da consciência (Volóchinov, 2017) dos sujeitos surdos, ponte que lhes permite estabelecer relações com os outros, construir o mundo em que vivem essas interações e, ainda por meio delas, ser construído na condição de sujeito social (Bakhtin, 2011). Ou seja, a Libras, na educação bilíngue de surdos, ainda é subjugada ao papel de escada para uma suposta “ascensão” do surdo à língua portuguesa, quando a própria Libras, no sujeito surdo, tem potencial para formá-lo como sujeito crítico, cidadão atuante e para quem o português pode funcionar como língua adicional.

Sabe-se que um dos grandes desafios enfrentados na modalidade educacional bilíngue é o fato de que o desenvolvimento daquela que virá a ser a principal língua de comunicação do aluno surdo, a Libras, ocorre sobretudo na escola, uma vez que mais de 90% dos surdos nascem em famílias ouvintes não sinalizadoras (Sacks, 2010; Solomon, 2013). Em outras palavras, além de aprenderem a Libras em contexto não familiar, os surdos, ao retornarem a seus lares após a jornada escolar, deparam-se com uma realidade cultural construída não com base em sua principal língua de comunicação (minoritária no país), mas em sua língua adicional (majoritária no país).

Considerando a relação inexorável entre língua e cultura, ao se pensar em uma educação que preza por valorizar a cultura surda, impossível não se questionar sobre como realizar um trabalho com a linguagem em ambiente escolar que, a um só tempo,

- reconheça a Libras como língua da “vida vivida” de inúmeros surdos brasileiros;
- não relegue à Libras o papel de mero instrumento para ensino de disciplinas como matemática, história e biologia; ou de simples ferramenta para estudo de outras linguagens de maior prestígio social, como português, inglês e espanhol;
- considere a Libras (não apenas uma abstração estrutural, mas, sobretudo, uma concretude cultural) como objeto de estudo, a respeito da qual a reflexão é importante à formação do cidadão surdo.

Tendo em vista esse viés de compreensão sobre a Libras na educação de surdos, acreditamos que o trabalho com textos humorísticos sinalizados e registrados em vídeo possa ser bastante produtivo na formação dos estudantes no que diz respeito ao domínio da linguagem em múltiplas práticas discursivas. Para compreendermos mais o potencial do humor na educação de surdos, vejamos, na seção que segue, algumas reflexões, teoricamente embasadas, sobre o papel dele na comunidade surda, bem como o posicionamento de surdos participantes da competição *Humor SurDau* a esse respeito.

Humor Surdo: expressão linguística, cultural e identitária na Comunidade Surda

Sutton-Spence (2021) define o humor surdo como aquele produzido por surdos, para surdos ou sobre eles, sendo frequentemente apresentado na língua de sinais. Esse humor reflete e reforça aspectos linguísticos, sociais e culturais, constituindo identidades surdas positivas (Boldo; Sutton-Spence, 2020). Historicamente, antes mesmo de haver recursos audiovisuais de registro da língua de sinais, essa língua foi preservada e transmitida, de forma intuitiva, por meio de histórias, humor e poesias surdas por gerações de surdos.

Na obra *The Sage Deaf Studies Encyclopedia* (Gertz; Boudreault, 2016), o humor integra

o gênero de narrativas baseadas em eventos reais, que relatam lutas e superações dos surdos. De forma complementar, Silveira (2022) reforça essa perspectiva ao descrever as piadas das comunidades surdas como narrativas curtas com finais surpreendentes. Além disso, os contadores de histórias surdos usam uma variedade de recursos narrativos, incluindo relatos de experiências pessoais, criações originais, recontagens de histórias tradicionais da cultura surda, bem como traduções e adaptações de narrativas originadas em outras culturas (Gertz; Boudreault, 2016).

A participação desses contadores em eventos de contação de histórias torna o riso um acontecimento único e irrepetível, seja ele riso sério, riso alegre, ou até riso remédio, conforme revela a conversação entre os apresentadores da competição *Humor SurDau*:

- Rir nos dá alegria, muda o nosso dia, correto? – comenta Luana com Igor.
- Sim, rir muda algo dentro da gente, parece que melhora a saúde. Rir parece um tratamento. Se estamos tristes, o humor muda, nos anima (*Humor SurDau*, 2020).

Além desses, há de se considerar, ainda, o riso ritual, que ocorre, geralmente, no encontro em comunidade, na situação em que os surdos estão explorando sua língua e seus traços identitários. Sinésio Filho, um dos participantes da competição *Humor SurDau*, representando o estado do Pará, confirma essa sociabilidade humorística entre os pares. O excerto a seguir mostra seu vídeo-apresentação momentos antes da contação humorística:

Tudo bem? Meu sinal é este, e meu nome é Sinésio. Eu moro em Belém, no estado do Pará. Por que eu amo piadas? Desde o passado, eu gostava de provocar e brincar com as pessoas – até hoje é assim. Meu pai também adora piadas. Na academia, com os amigos, sempre fazemos piadas. Uso classificadores, VV³, expressões faciais...eu incorporo tudo isso. Amo piadas até hoje e adoro provocar as pessoas com elas! (*Humor SurDau*, 2020).

Além de proporcionar prazer, o riso permite que os surdos compartilhem entre si experiências de si e da língua, estilos e crenças. De acordo Felipe (2011), essas piadas surdas muitas vezes envolvem a problemática da incompreensão da surdez pelo ouvinte bem como suas formas de perceber o mundo de forma diferenciada, ressaltando, assim, a expressão da visualidade na língua de sinais.

Nessa perspectiva, o humor surdo é culturalmente distinto. Embora a estrutura, o conteúdo e a função do humor nas sociedades surdas e ouvintes compartilhem características universais – como a exploração de incongruências, exageros e revelações inesperadas –, o humor produzido nas comunidades surdas reflete o conhecimento e a vivência no *Mundo Surdo* (Boldo; Sutton-Spence, 2020). Essa familiaridade é essencial para a reconstrução espontânea de elementos linguísticos que geram diversão e riso.

Silveira (2022) corrobora essa visão ao considerar o humor surdo como um traço cultural específico. A autora destaca que as piadas das comunidades surdas se diferenciam das piadas ouvintes por características únicas além da visualidade gestual da língua de sinais. Devido à sua natureza visual, Silveira (2022) observa que o humor surdo frequentemente perde seu impacto quando traduzido para a modalidade oral-auditiva. Isso evidencia a importância da fluência na Língua de Sinais para captar as sutilezas e nuances que caracterizam esse tipo de humor.

Um exemplo é a piada *King Kong*, que utiliza elementos da Libras para seu impacto humorístico. A narrativa apresenta o conhecido personagem do cinema e explora uma situação cômica em que o sinal de “casar”, que exige o movimento de bater as mãos, resulta de forma

3 De acordo com Monteiro (2023, p. 21), “A Visual Vernacular [VV] surgiu como uma técnica de utilização de uma linguagem visual surgida no contexto da mímica a partir do encontro do ator surdo Bernard Bragg com o mímico francês Marcel Marceau, em 1956. Desse encontro nasceu uma nova estética aplicada tanto nos palcos como em recursos de vídeo que chega aos currículos de graduação em Letras/Libras, figura em oficinas e festivais da comunidade surda e, sobretudo, parece poder suscitar novos gêneros a serem investigados na Literatura Surda”.

inesperada na destruição da moça que ele, o King Kong, segurava. Isso demonstra como a comunicação em língua de sinais também é estética, permitindo formas criativas de expressão.

Como ressalta Morgado (2011, p. 165), “a questão cômica não se prende propriamente com o conteúdo, mas, sim, com a forma de contar, com o modo de manipular e de brincar com a língua gestual”. A autora identifica cinco categorias principais que trazem o cômico para a língua gestual:

1. **imitações** de filmes, pessoas, animais e objetos, realizadas por meio de expressões faciais e corporais;
2. **jogos de linguagem**, como contos que exploram formas de mão usadas no alfabeto manual ou em números;
3. **jogos com movimento**, que adicionam dinamismo à narrativa humorística;
4. **humor sobre temas tabu**, geralmente em contextos informais;
5. **piadas, desenhos animados e anedotas**, que exploram situações do cotidiano.

Percebemos, a partir de Morgado (2011), que o humor em língua de sinais ocorre, primordialmente, em função da forma da linguagem, considerando que a apreensão do humor não se baseia apenas na memória coletiva, mas também nos mecanismos linguísticos que compõem a visualidade de uma língua de modalidade diferente da oral auditiva. Como enfatiza Schallenberger (2011), contar piadas é uma maneira de o contador se relacionar com a linguagem e os fatos, bem como com o tempo e as palavras.

Nesse sentido, Possenti (2018) argumenta que o humor constitui um campo discursivo que não apenas amplia as perspectivas no domínio da linguagem, mas também reflete as práticas culturais às quais os sujeitos aderem ou contra as quais resistem. Trata-se de um fenômeno complexo, que se aproveita dos contrastes e das posições ocupadas por seus falantes, bem como das normas e técnicas que regem seu funcionamento. Com isso, cria-se um espaço criativo para as produções e interpretações humorísticas. Assim, o humor provoca riso, reflexão e ou emoção, ao mesmo tempo que reafirma a cultura e as práticas coletivas da comunidade.

Para Schallenberger (2011, 2019), o humor é uma forma de autoconhecimento e de compreensão do outro, configurando-se como um dos elementos que mantém viva a comunidade surda. Muitos surdos vivem em ambientes dominados pela oralidade, o que intensifica a busca por formas de comunicação entre seus pares e a necessidade de romper com normas impostas em seu cotidiano. Nesse contexto, o humor emerge como um escape, permitindo que os surdos desafiem os sentimentos de opressão e exclusão vivenciados em contextos majoritariamente ouvintes. Além disso, ele viabiliza a expressão das identidades surdas e o fortalecimento dos laços comunitários.

Contar histórias é uma prática que dá sentido à experiência humana e está profundamente enraizada na cultura surda. Esse hábito cria espaços de encontro e interação entre os surdos, nos quais o prazer proporcionado pelo humor estimula o sentimento de pertencimento. A narrativa de Schallenberger (2019) expressa esse lugar do humor enraizado na cultura surda. Ao mudar de Montenegro para Porto Alegre, ele entrou em contato com outros surdos e aprendeu a língua de sinais aos 17 anos de idade. O humor permeou toda essa vivência, especialmente nas associações de surdos que frequentava, onde o contato com gerações mais velhas o influenciou profundamente. Ele narra:

Lembro-me das provocações, das piadas, dos jogos em língua de sinais, com os quais eles desafiavam os surdos mais jovens. Isso fez com que houvesse sempre em mim esta dimensão fortemente presente da satirização e do riso, que as pessoas percebem em minha maneira de me expressar (Schallenberger, 2019).

A esse respeito, Bakhtin (2017, p. 25) afirma: “A seriedade amontoa as situações de impasse, o riso se coloca sobre elas, liberta delas. O riso não coíbe o homem, liberta-o”. A presença do humor nas interações discursivas entre pares surdos quebra resistências e favorece a construção de um ambiente educacional mais distanciado da hostilidade. De acordo com o autor russo, “O perigo faz o sério, o riso autoriza evitar o perigo” (Bakhtin, 2017, p. 61). Quando um potencial

membro da comunidade se sente envergonhado ou angustiado por sua entrada tardia, as anedotas humorísticas proporcionam encanto, diversão e, simultaneamente, facilitam a recepção e a apropriação da linguagem: “O riso aproxima e familiariza” (Bakhtin, 2017, p. 25). Essa narrativa ainda revela que o humor contribui para o empoderamento linguístico do sujeito surdo, fortalecendo seu pertencimento e comportamento como membro de uma cultura minoritária.

As mãos que se movimentam no espaço à frente do corpo sócnico têm espalhado esse humor cultural, de geração a geração, em pontos de encontros, como praças, associações ou clubes surdos. Com o advento da internet, esses registros têm encontrado novas formas de preservação, especialmente em competições como o *Humor SurDau*. Dessa forma, o humor preserva memórias do cotidiano surdo, dos costumes e das relações sociais, mantendo viva a cultura dessa comunidade.

Levando em consideração que, frequentemente, pessoas surdas têm contato tardio com associações surdas e vêm de lares onde a língua de sinais não é utilizada, há uma necessidade de refletir sobre estratégias para minimizar esse atraso na apropriação da cultura surda. Uma proposta relevante é a inserção da cultura do humor surdo nos currículos escolares, visto que essa prática não apenas fortalece a identidade surda, mas também contribui para a valorização da língua de sinais e da coesão comunitária desde a infância.

Pesquisas, como as de Napoli e Sutton-Spence (2019), destacam justamente isso. As autoras defendem que essas crianças têm o direito de explorar e brincar com sua língua de sinais no ambiente escolar, um processo que está relacionado tanto com o aprendizado quanto com a interação com sua cultura. É nesse sentido que vai nossa discussão na próxima seção do artigo, na qual discutiremos a educação de surdos e possíveis vias de acesso ao humor na construção da identidade linguística desses estudantes.

O humor no currículo da educação bi/plurilíngue de surdos

A despeito das políticas linguísticas e educacionais voltadas para a promoção da língua de sinais nas escolas e universidades, como o Decreto nº 5.626 de 2005, os princípios didáticos e práticas culturais surdas não são necessariamente incluídos no currículo da educação de surdos. Isso fica particularmente evidente na realidade observada no ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos cursos de Licenciaturas e de Fonoaudiologia, conforme determina a legislação. A grade curricular da disciplina de Libras, na estrutura curricular desses cursos, apresenta uma carga horária de 60 horas insuficiente para a aquisição satisfatória da língua, mesmo no nível básico.

Na visão de Lodi (2020), não basta ensinar Libras e ou discutir a história e as atualidades da educação de surdos para preparar professores para o ensino das minorias socioculturais e linguísticas. Essa lacuna acaba se refletindo na educação básica como uma barreira comunicativa entre professores ouvintes e alunos surdos. Segundo Quadros (2020), muitos estudantes surdos só têm contato com sua língua na escola, geralmente com professores ouvintes. Assim, de um lado, há profissionais que não incorporam satisfatoriamente as expressões faciais nem sabem usar o corpo para marcar sentidos no discurso. De outro, há alunos surdos que não são imersos em contextos sociais com práticas de linguagem significativas em Libras para construir uma relação positiva com sua língua.

A formação adequada dos professores em Libras, de forma que eles possam se comunicar efetivamente com os alunos surdos, sem a necessidade de mediação intérpretes, é o que realmente podemos denominar como favorecedora de um ambiente de aprendizagem inclusivo e bi/plurilíngue. Quando os educadores possuem uma compreensão sólida da língua de sinais, eles são capazes de pensar, desde o princípio, práticas pedagógicas para atender às necessidades específicas desses discentes.

Na concepção de Peluso (2022), isso só pode acontecer com a ruptura com o paradigma do “falante nativo”, tradicionalmente aplicado à avaliação da fluência nas línguas adicionais, e com o respeito à competência linguística individual do aluno. Conforme o autor, a Língua de Sinais Uruguia (LSU), mesmo no contexto do modelo bilíngue implementado naquele país há mais de 30 anos, ainda é vista como um “dispositivo didático” e não como uma língua autônoma.

Como já pontuado, as línguas de sinais não devem ser vistas apenas como ferramentas

pedagógicas, mas também como línguas plenas que possuem autonomia e legitimidade cultural, conforme afirmam Peluso e Lodi (2023). Nesse sentido, os autores propõem uma abordagem plurilíngue que rompe com paradigmas tradicionalistas e reconhecem a identidade linguística dos surdos como elemento central do processo de ensino e aprendizagem. Além de fortalecer a valorização da língua materna desse alunado, a abordagem plurilíngue desafia o modelo escriturocêntrico, que historicamente subordinou outras formas de expressão à escrita tradicional, e propõe a incorporação de formas inovadoras de textualidade diferida⁴ à educação de surdos, nomeadamente aquelas que capturam e permitem o manuseio das línguas sinalizadas.

A inclusão de tecnologias como videograções e ferramentas digitais amplia as possibilidades de comunicação, registro e estudo das línguas sinalizadas, além de facilitar a partilha de conhecimento, especialmente no contexto da comunidade surda. Essas práticas reconhecem a variedade de formas de expressão e seu papel no desenvolvimento educacional e pessoal de alunos surdos, fortalecendo uma abordagem pedagógica que valoriza a diversidade linguística e cultural.

Fica evidente, portanto, que, além de uma formação docente que dedique à língua de sinais lugar não subjugado à língua oral majoritária, é necessário o investimento em estrutura física escolar, em instrumentos tecnológicos de registro e reprodução de vídeos e na formação docente para o efetivo uso desses materiais, que permitirão aos docentes e discentes se debruçarem sobre a língua de sinais em seus mais variados gêneros discursivos, o que inclui os humorísticos.

No contexto escolar, em que muitos estudantes surdos chegam sem ter vivenciado a cultura surda, o humor pode atuar como ponto de partida para esse processo de aproximação. Ao favorecer o contato com a língua de sinais e com os modos de ser próprios da comunidade, o humor contribui para a construção de sentidos e amplia o repertório dos alunos sobre a vida em grupo e as relações sociais. Essas práticas também ajudam a superar barreiras linguísticas e fortalecem os laços de pertencimento, incentivando os estudantes a se reconhecerem em suas trajetórias e identidades.

Quando integrado às atividades escolares, o humor torna o ambiente mais leve e colaborativo, estimulando a criatividade, a participação e o engajamento (Napoli; Sutton-Spence, 2019). Em um espaço mais acolhedor, os alunos se sentem à vontade para experimentar e aprender com os erros, o que favorece o domínio da língua de sinais e oferece uma base mais segura para o aprendizado de uma língua adicional.

Estratégias associadas ao uso de vídeos, como infográficos e textos multimodais, ampliam as possibilidades pedagógicas na educação de surdos (Lebedeff; Grutzmann, 2021). Recursos visuais com narração em língua de sinais e legendas, por exemplo, favorecem a compreensão e a participação dos alunos, criando pontes entre diferentes formas de acesso ao conteúdo. O humor, quando incorporado a essas práticas, não apenas dinamiza o processo de aprendizagem, mas também estimula habilidades cognitivas, sociais, linguísticas e metalinguísticas.

A presença do humor surdo no currículo bilíngue reforça a aprendizagem visual em sala de aula e contribui para o fortalecimento da identidade dos estudantes (Napoli; Sutton-Spence, 2019; Silveira, 2022). Ao reconhecer o humor como uma forma legítima de expressão cultural e linguística, a escola amplia seu repertório didático e promove um ambiente mais conectado às vivências dos alunos surdos. Um exemplo de como o humor favorece a aquisição da língua de maneira envolvente e conectada à percepção visual dos sujeitos surdos é mostrada na apresentação de Alberto Leite, apresentada a seguir.

Olá, SurDauuu! Meu sinal? Qual é? Este aqui! Meu nome é Alberto. Eu moro no Espírito Santo, mas sou baiano. Vou explicar: a minha história de vida com piadas envolve animais

4 “Textualidade diferida”, de acordo com Peluso (2022), é uma concepção que vê, na escrita, uma tecnologia da palavra, a qual permite à língua oral uma permanência no tempo que extrapola o momento da enunciação. Ela também viabiliza o “manuseio” da linguagem e, portanto, amplifica as possibilidades de reflexão sobre ela; oportuniza o planejamento e controle da produção linguageira; bem como disponibiliza o texto à leitura/interpretação do leitor em momento posterior ao da enunciação, inclusive na ausência do locutor. Considerando as propriedades das videograções/visograções em relação às línguas de sinais, análogas, em grande medida, às da escrita em relação às línguas orais, o autor defende que, na educação de surdos, o estudo das línguas de sinais seja amparado por esses registros em vídeo na condição de textualidade diferida.

diversos que eu incorporava, pessoas que eu imitava, e também filmes... Ah, o grupo dos Trapalhões! [*neste momento o participante imita o jeito de Didi, Zacarias, Mussum*]. O jeito dos quatros eu incorporava. Aprendi Libras aos 28 anos. Antes, eu era oralizado — agora sou sinalizante. [*o participante olha as mãos admirado*]. Eu sinalizava, criava teatros, me expressava através das mãos...Amo teatro. Amo piadas! Beleza? SurDau! (Humor SurDau, 2020).

Na apresentação, Alberto evidencia como a experiência visual, aliada a elementos do cotidiano, reforça a potência do humor na construção de sentidos na e por meio da língua. O uso da língua de sinais, nesse contexto, não apenas comunica, mas também emociona, diverte e aproxima, revelando o humor como um recurso significativo no processo de aquisição linguística.

Esse exemplo ajuda a compreender que, na cultura surda, a visualidade — seja por meio de imagens estáticas seja pelo movimento — não se limita à comunicação: é também forma de interação, aprendizagem e construção de identidade. Essa dimensão amplia a compreensão sobre como práticas visuais moldam os vínculos sociais entre usuários de Libras e organizam sua percepção de mundo. Em um contexto que valoriza o olhar, o corpo e a performance, expressões artísticas e humorísticas em língua de sinais se tornam ferramentas que conectam vivências individuais a experiências coletivas, inclusive em ambientes educacionais.

Nesse sentido, o volume *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*, organizado por Stumpf e Linhares (2021, p. 220), aponta o humor surdo como “chave para a compreensão da cultura surda”. Como destaca Silveira (2022, p. 58), “sempre se deve lembrar que, quando se ensina uma língua, se ensina uma cultura e se valorizam identidades”. Ao integrar práticas humorísticas ao cotidiano escolar, ampliam-se as possibilidades de aprendizagem, e o humor se consolida como um recurso que ajuda os estudantes surdos a lidar com os desafios do bilinguismo, fortalecendo laços identitários e comunitários.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos discutir como o humor surdo pode contribuir para a formação humana do sujeito surdo no contexto educacional, com especial enfoque em sua contribuição para a inserção do aluno na(s) cultura(s) surda(s). Por meio da análise de vídeos com as apresentações pessoais dos competidores no evento *Humor SurDau* e de reflexões teóricas sobre a inter-relação entre humor, cultura, língua e educação, foi possível identificar as formas pelas quais o humor atua como ferramenta pedagógica e sociocultural.

Os resultados deste estudo indicam que:

1. O humor surdo atua como meio de transmissão da cultura e de reforço das relações comunitárias, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os pares.
2. Ao expressar experiências visuais, linguísticas e identitárias da comunidade surda, o humor amplia as possibilidades de trabalho com a linguagem em contextos educativos. Sua presença em sala de aula promove práticas que valorizam a diversidade de formas de comunicação e de construção de sentidos.
3. No ambiente escolar, o uso do humor favorece a criação de espaços bi/plurilíngue inclusivos, em que os estudantes podem desenvolver suas competências linguísticas e sociais de modo lúdico, criativo e culturalmente situado, a partir de experiências significativas com a Libras.

Por compreendermos, com Bakhtin (2017, p. 25) que “tudo autenticamente grande deve incorporar o elemento do riso”, buscamos apresentar uma perspectiva sobre o papel do humor surdo no fortalecimento das relações comunitárias e na construção de práticas pedagógicas que considerem as línguas de sinais e as culturas surdas como referências significativas no processo formativo de sujeitos críticos e socialmente engajados. Espera-se, com isso, contribuir para o debate

sobre propostas educativas que reconheçam a riqueza expressiva da Libras e o papel do humor na valorização da experiência surda em contextos escolares.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: 34, 2017.

BOLDO, Jaqueline; SUTTON-SPENCE, Rachel Louise. Libras Humor: Playing with the Internal Structure of Signs. **Sign Language Studies**, Gallaudet University Press, v. 20, n. 3, p. 441-433, Spring 2020. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26984265>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 15 jun. 2025.

FELIPE, Tanya Amara. **Libras em contexto**: curso básico, livro do estudante cursista – Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. São Paulo: MEC; SEESP, 2011.

GERTZ, Genie; BOUDREAULT, Patrick (org.). **Deaf Studies encyclopedia**. Califórnia: SAGE, 2016.

HUMOR SURDAU: Competição: Norte e Nordeste. **YouTube**, 2 ago. 2020. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=H4wY9AKjmH4&t=3805s. Acesso em: 17 dez. 2024.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; GRUTZMANN, Thaís Philipsen. Visualidade na educação: reflexões sobre sua importância e possibilidades de uso em sala de aula. **Educação Matemática em Revista – EMR**, Porto Alegre, v. 2, n. 22, p. 160, 2021.

LODI, Ana Claudia Balieiro. A formação de professores diante das políticas linguística e educacional para surdos. In: BARREIRO, Iraide Marques de Freitas; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). **Formação de Educadores - Inovação e Tradição**: preservar e criar na formação docente. São Paulo: Unesp, 2020. p. 75-84.

MONTEIRO, Cristiano José. **Um estudo da Visual Vernacular (VV)**: cultura e literatura surda em diálogo com a estética da recepção. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023.

MORGADO, Marta. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011. p. 151-171.

NAPOLI, Donna Jo; SUTTON-SPENCE, Rachel Louise. Deaf children, humor and education policy. **Revista Educação Especial**, [s. l.], v. 32, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/38114>. Acesso em: 8 set. 2023.

PELUSO, Leonardo. Consideraciones sobre la educación de la comunidad sorda en Uruguay: del bilingüismo al plurilingüismo. **ETD-Educación Temática Digital**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 848-865, 2022. DOI: 10.20396/etd.v24i4.8669209.

PELUSO, Leonardo; LODI, Ana Cláudia Balieiro. Educação de surdos: da normalização ao plurilinguismo. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 26, n. 1, p. 36-51, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25697>. Acesso em: 15 jun. 2025.

POSSENTI, Sírío. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. Coordenação: Tommaso Raso e Celso Ferrarezi Jr. São Paulo: Parábola, 2020.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SALOMON, Andrew. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHALLENBERGER, Augusto. A metáfora do aprender a ser surdo. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (org.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.

SCHALLENBERGER, Augusto. Comunidade surda: uma experiência de humor. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 4, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/rs.v4.60217>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/60217>. Acesso em: 31 maio 2024.

SILVEIRA, Hessel. O lugar do humor surdo no novo momento da cultura surda. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 57, p. 49-59, jan./jun. 2022.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore**: pais e filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STUMPF, Mariane Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior. Petrópolis: Arara Azul, v. 3, 2021.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Piadas Surdas e Humor Surdo. Rachel Sutton-Spence (org.). **Literatura em Libras**. Tradução Gustavo Gusmão. Petrópolis: Arara Azul, 2021. *E-book*.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

Recebido: 16 de maio de 2025
Aceite: 15 de julho de 2025